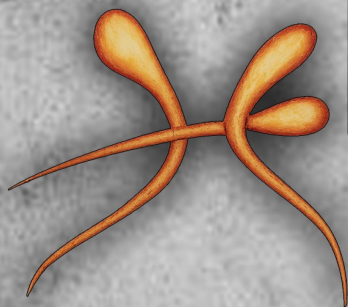


DIÁRIO PT METAL

ANO 1 - Outubro 2025

NEWSLETTER

Newsletter #4



hyubris

Foi uma espera mesmo muito longa por um novo disco dos Hyubris, um verdadeiro tormento. Terão sido muitos os vários “Tormentos” que estarão na génese deste novo disco que já tanto nos matou as saudades desta fusão de metal mais melódico e o nosso folclore. A guiar-nos na viagem e a reconfortar-nos em relação a mais uma longa espera, os próprios Hyubris fazem as devidas apresentações.



A espera foi longa por este “Tormentos”! Como foi ocupado o tempo durante este hiato? Há algo do que aqui se ouve que já estivesse “guardado” há muito tempo, ou é tudo material novo?

Olá! De facto passaram-se muitos anos desde o último trabalho “Forja”, mas esta espera é consequente do “normal desenrolar da vida”, se quisermos, pois foram tantos os acontecimentos (uns muitos bons, como o nascimento das nossas crianças, e outros muito maus, dando como maior exemplo o violento acidente rodoviário do Panda, entre outros) que fez com que a banda passasse - e bem - para segundo plano. Porém nunca deixámos de estar juntos e sempre que possível, reuníamo-nos para ensaiar e criar temas novos. Respondendo à parte final da pergunta, temos um pouco de ambos: já havia músicas prontas há alguns anos (talvez mais de 10!) e que levaram uma “roupagem” nova, e outras foram criadas nos últimos 2 a 4 anos.

De que “Tormentos” fala este fantástico novo disco?

Um pouco à semelhança da resposta anterior, este “Tormentos” fala das batalhas e lutas diárias com que todos nos debatemos, de uma forma geral. Mas o que realmente quisemos focar no título deste novo trabalho foi de facto os “tormentos” que enfrentamos no dia-a-

dia e a forma como conseguimos lidar com eles, com a esperança e determinação para superar todos os obstáculos que se apresentam ao longo do nosso caminho.

Acham que a vossa fusão única de estilos vos favorece, que terão sempre o vosso lugar garantido?

Sim e não: temos a sorte de estarmos muito bem apoiados com as gaitas de foles do Paulo Jerónimo e do Nor, e o fantástico violino do Miguel Berkemeier, que embelezam e dão “poder” às nossas músicas e que faz com que a nossa presença em palco seja mais “poderosa”, dando a quem nos vê um espetáculo visual bastante apreciável, cremos. Quanto ao lugar garantido, não cremos que assim seja. Há tantas bandas boas, muito boas mesmo, que achamos que seria um erro pensarmos que temos lugar garantido só por sermos os Hyubris. Se quisermos um lugar garantido, temos que continuar com o muito trabalho que já foi feito ao longo desta jornada de mais de duas décadas (com alguns períodos de inatividade, é certo) e continuarmos com o mesmo gosto e vontade que nos trouxeram até aqui hoje.

Veem potencial numa cena folk metal em Portugal, recorrendo ao nosso folclore?

Claro! Felizmente temos um país cheio de gente

talentosa e uma História e cultura muito ricas, o que faz com que pensemos que sim, há potencial numa cena folk metal em Portugal. As misturas de instrumentos tradicionais com sonoridades mais “rockeiras”, conjugadas com letras inspiradas no nosso folclore, têm, na nossa opinião, lugar no panorama da música nacional. Já a realidade é um pouco diferente, mas havendo vontade, trabalho e perseverança, é realizável!

Encontram vantagens na parte tradicional da vossa música, que vos possa levar a outros palcos diferentes? Já tiveram outras presenças mediáticas afastadas do metal!

Vantagens não diremos, preferimos pensar que o gosto e o prazer que nos dá de atuar ao vivo, com tudo o que foi dito anteriormente em relação às gaitas de foles e o violino, com a energia do João (Tripa) no baixo e Lulla na bateria, o sempre extraordinário desempenho da Filipa em palco e a capacidade de execução e poder da guitarra do Jorge, com sons de teclados envolventes do João (David) é que nos poderá levar a outros palcos diferentes.

Também têm tido uma boa aposta nos videoclipes.



Essa componente visual foi algo que sempre quiseram que fizesse parte dos Hyubris?

Sim. Aliás, ao longo dos anos fomos-nos sempre

caracterizando de acordo com o que achávamos que seria uma mais-valia a nível visual. Hoje

continuamos com a mesma preocupação, mas de forma mais “sóbria”. Achamos que a componente visual é um complemento importante da apresentação do espetáculo, até porque quando estamos em cima do palco, é como se estivessemos num mundo diferente, um mundo à parte em que público e banda se misturam numa atmosfera de sentimentos e sensações incríveis!

Agora a pergunta difícil, movida a receio... Não nos vão voltar a deixar tanto tempo à espera das próximas novidades, pois não?

Não! Esperemos que não! Até porque já há duas ou três músicas a marinar em lume brando para se “degustar” no próximo álbum! Obrigado!



Texto : Christopher Monteiro
Fotos : FotosRuben (Caminhos Metalicos)





METALSKOPIO



Canal dos Zés

A História por Trás dos Óculos Escuros

No coração da comunidade metaleira de língua portuguesa, o Canal dos Zés afirmou-se como uma voz de referência e um ponto de encontro essencial. O que hoje é um canal respeitado no YouTube nasceu, na verdade, de uma simples brincadeira entre amigos durante a pandemia. A ideia de criar um canal de "reacts" foi recebida com hesitação, mas a insistência venceu e o projeto arrancou sem grandes pretensões. O nome surgiu da forma mais orgânica possível: os dois amigos tratavam-se mutuamente por "Zé", e assim nasceu o Canal dos Zés. Para dar um toque de mistério e criar uma identidade visual, adotaram os óculos de sol, que se tornaram a sua imagem de marca e deram vida às personagens "Zé".

Os primeiros passos foram exploratórios, com reações a fenómenos da cultura pop como Dragon Ball e até a momentos cómicos da atualidade portuguesa. Contudo, a verdadeira paixão da dupla sempre foi a música, especialmente o metal. Naturalmente, o canal começou a focar-se naquilo que mais os movia, e foi aí que a sua jornada ganhou um novo rumo.

A grande viragem deu-se quando decidiram mergulhar de cabeça no metal nacional. Ao começarem a reagir a bandas portuguesas, o

feedback da comunidade foi imediato e massivo. O canal deixou de ser apenas um passatempo para se tornar um palco de divulgação crucial para os artistas.

A transição do digital para o real foi um marco importante. A primeira aparição pública no festival Rock da Velha, em Santarém, materializou o impacto do seu trabalho. Foram recebidos de braços abertos por bandas como Malignea, Enchantya e Glasya, sentindo pela primeira vez o calor e o reconhecimento da cena que tanto promoviam. Num episódio caricato, só depois de uma longa conversa é que se aperceberam que tinham estado com Bruno Prates, guitarrista dos Glasya, banda a quem já tinham dedicado um vídeo.

No entanto, foi no Vagos Metal Fest que a verdadeira dimensão do seu alcance se revelou. Serem reconhecidos no meio da multidão, com fãs a procurá-los de telemóvel na mão e a receberem um grito de reconhecimento de Henrique Martins, dos All Against, foi a prova de que o seu trabalho tinha um propósito. Esse festival, segundo eles, foi o "bom boost" que precisavam para continuar. Hoje, o Canal dos Zés é movido por uma missão clara: partilhar a descoberta e dar a conhecer as bandas portuguesas. O maior orgulho, confessam, é receber mensagens de pessoas que descobriram novos artistas através do seu trabalho. Apesar dos desafios do dia a dia e da falta de tempo, os Zés continuam firmes, aprendendo com as bandas e partilhando experiências, solidificando o seu lugar como um pilar essencial na divulgação do metal em Portugal.



Canal de Reacts:

<https://www.youtube.com/@canaldoszesreact>



Besta “John Carpenter Redux” Raging Planet

A celebração de um dos grandes mestres do cinema de terror e ficção científica – e das suas respectivas bandas sonoras – foi assinada pelos Besta em 2014. E, com um registo tão breve, conseguiram logo uma obra tão marcante no seu repertório e no nosso panorama mais barulhento. Não recriam as bandas sonoras de Carpenter, mas inspiram-se nas suas obras para o seu grind caótico. Afinal, tudo combina.

Onze anos depois, temos uma nova versão para desfrutar. Para recordar, caso alguém não pegue nele há algum tempo. Ou a celebração da celebração. Para além de dar a oportunidade de ter esta relíquia em vinil, e de deitar as mãos a uma brutal banda desenhada, aproveitam e regravam a obra, com uns rearranjos no alinhamento e com Paulo Rui, já mais do que bem estabelecido como “Besta da voz”, já a tratar da berraria e a acrescentar-lhe o seu cunho, já tão marcante na música dos Besta. O produto final até se revela bastante diferente, o que não devia ser surpresa. E vem em boa altura – a seguir o mais longo “Terra em Desapego”, que inovou um pouco a sua fórmula, inserindo outras influências extremas, do crust ao black, com muito sludge a arrastar e a prolongar as composições. Esta nova versão de “John Carpenter” mostra que não perderam contacto com o grind curto e grosso que os definiu inicialmente e afinal ainda está tudo claramente dentro do mesmo léxico musical. Escolham a vossa versão favorita, que a Besta não falha. (C.M)

Sangue e Aço “Profanação Cirrótica Luciferina” Edição de Autor

A cada semana, lá nos chega à caixa do correio o catálogo das promoções no Lidl, para ver se dá para se aproveitar qualquer coisa de lá. De regularidade semelhante, e talvez com maior interesse e maiores surpresas, será ver nos sítios do costume, o que anda



o Melkor a fazer de novo. Ainda a desafiar os parâmetros da proficuidade, agora apresenta-se com o nome de guerra “Sangue e Aço” para uma “Profanação Cirrótica Luciferina” que não encontrou qualquer utilidade para travões e outros estorvilhos que tal. Apesar dos imensos projectos que vai assinando, as excursões estilísticas nunca partem para assim tão longe. A temática ainda menos, não vai ser desta que vai cantar baladas acústicas sobre passeios à beira-mar ao pôr-do-sol. Só queremos saber em que “língua” aqui blasfema. Língua musical, porque tudo isto é escarrado no mais poético português de fazer o Camões trocar os olhos. E aqui opta pela raiz do metal extremo, com uma crueza de black, agressividade thrasheira na voz. Um retrocesso aos tempos em que não se fazia essa divisão assim tão às claras e era-se feliz assim. E tudo isso bem empapado de punk nos riffs e com sádicas melodias a tentar fazer-nos sair desta experiência a berrar a pulmão cheio tanta poesia que para aqui vai, como a de “À Sombra do Nefário Pénis de Pazuzu”. Recomendado aos mais sensíveis. (C.M)

In a Forest Dark “Notes from Underground” Edição de Autor

O terceiro álbum deste projecto a solo abre com “Let the Walls Tremble” demonstrando uma violência digna dos Marduk em termos instrumentais e com solos de guitarra interessantes; assim está dado o mote para o que vamos ouvir ao longo deste álbum: guitarras bem presentes e riffs contagiantes. A variedade em termos vocais do multi-instrumentista Mário Pereira torna o tema mais interessante e, com efeito, ela destaca-se em “Subterranean”, alternando entre voz limpa quase sussurrada e growls, e até cânticos perto do final do tema onde a vertente orquestral deste projecto se destaca. Voltando aos riffs, o que abre “Mire” não só é épico como é, mais uma vez, contagiante (um dos mais memoráveis do álbum). A segunda parte do disco encontra o solo de guitarra mais interessante em “Wraith” e uma maior utilização de sintetizadores (“Voxmoure”). Trata-se de um disco de black metal interessante e que consegue ficar na cabeça do ouvinte muito tempo depois de o ter ouvido. (R.A)





OUT NOW



XEQUE-MATE
“EM NOME DO PAI...40 ANOS” LP

OUT NOW



LORD OF CONFUSION
“EVIL MYSTERY” LP

OUT NOW



ROT
“SOCIOPATHIC BEHAVIOUR” LP

OUT NOW



VIZIR
“CARALHOGRAMA” CD / SHIRT

LABEL . EVENTS . DISTRO . PROMOTION . BOOKING

SHIPPING WORLDWIDE & BEYOND **INFO@LARVAE.PT - WWW.LARVAE.PT**

Sigilo - Luxúria de Lillith

"Sermão" Split CD

Alma Mater Records

A 25 de julho de 2025 emergiu o Split "Sermão" que integra seis músicas dos brasileiros Luxúria de Lillith e quatro temas de um projeto português designado por Sigilo. O registo foi lançado em CD e Vinil pela Alma Mater Records, editora ligada aos Moonspell.

Começaria por dizer que Sigilo é o nome indicado para este projeto porque algo com esta qualidade deveria ser mais do conhecimento comum. Já se percebeu que os quatro temas apresentados em "Sermão" são o mote para algo de maior dimensão que já está planeado e reservado para Sigilo – o lançamento do álbum de estreia, "Gloria ad Inferi".

Vamos aos factos: Sigilo merece esta aposta? Sim, sem dúvida. O mentor deste projeto Duarte "Selvmord" Pombo revela um perfeito conhecimento e domínio da sonoridade Black Metal. Na minha perspetiva, Sigilo bebe alguma influência em Mglá, Groza e Inquisition, esta última mais notória no tema "Universal Gathering Chantic". Contudo, Sigilo não se limita a respeitar as suas influências, cria um som com a sua própria identidade - exato, preciso e direto. Os riffs são interessantes, a voz está bem feita, a bateria também me parece bem integrada e os teclados enriqueceram particularmente o tema "Universal Gathering Chantic". A produção está muito boa. Agora é só esperar pelo álbum de estreia...

Luxúria de Lillith é um projeto com maior longevidade e de créditos firmados no Brasil, que explora os caminhos do Black Metal melódico / sinfónico, fazendo por vezes lembrar Dimmu Borgir e Cradle of Filth. A prestação de Luxúria de Lillith neste Split é igualmente muito boa, onde destacaria os temas "Nosferatos" e "Asmodeus". Apesar de ser uma proposta mais refinada e erudita, não foi suficiente para retirar o protagonismo principal a Sigilo (A.A.).



Vizir "Caralhograma"

Haloran Records

Com 25 anos de atividade, os caldenses VIZIR lançam agora, via Haloran Records, o seu álbum de estreia intitulado "Caralhograma". Ao longo deste quarto de século, os VIZIR tornaram-se uma banda de culto no seu género e são constituídos por Helio Phodas (baixo e vozes de apoio), Barrasco (bateria) e Hellraiser (vozes), os quais nos brindam com 42 temas de um som um pouco difícil de caracterizar, mas que, no limite, pode ser descrito como Death Metal / Grindcore, incluindo ainda algumas passagens mais típicas do Black Metal e até uma abordagem mais característica de Punk. A obra foi também lançada em CD, limitado a 300 cópias, numa parceria com a Larvae Records.

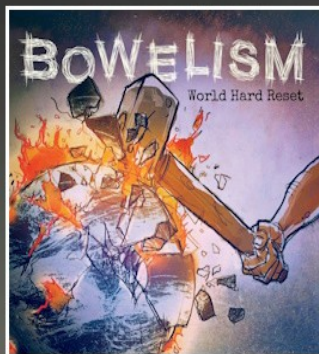
As letras das músicas centram-se essencialmente no humor negro, na perversão e no anticristianismo, sendo que os VIZIR nos apresentam músicas tão sugestivas como "Carrossel de Papos de Cona", "Parti o Caralho a Foder", "Esporrei-me na Pia Baptisma", "Punhetas na Catequese", "Fui à Missa com a Mão na Pissa", "Ergue-se o Caralho em Nome de Satanás", "Paneleiragem no Reino de Deus" e, obviamente, "Quem Não Ouve Vizir é Paneleiro".

Aqui não existem grandes floreios técnicos, o importante é criar uma secção instrumental poderosa e competente para transmitir a mensagem e, nesse particular, os VIZIR foram muito bem-sucedidos. Trata-se de um hino ao underground, com toda a sua plenitude de rebeldia e de liberdade artística. A produção está acima da média para um registo deste género.

Não é um álbum que vá ouvir recorrentemente, mas tenho de reconhecer o mérito de quem forjou esta obra ao longo de 25 anos e, ao vivo, estes temas seguramente vão resultar muito bem. (AA)



Maledict Records



maledictrecords.bandcamp.com

Atone “*Rebirth in Despair*” Edição de Autor

Depois de ouvirem o álbum, chegarão à conclusão de que esta review é um mero formalismo...

Atone é uma banda constituída por Flame (bateria e conhecido pelo seu passado em Desire), Ashen (guitarra e teclados), V.S. (guitarra e baixo) e Maze (Vocais). Desconheço há quanto tempo a banda existe, o facto é que “Rebirth in Despair” é o álbum de estreia da banda e foi lançado no passado 21 de setembro.

Não sendo a pessoa mais habilitada para colocar rótulos a este tipo de som, diria que a proposta pode ser descrita como Atmospheric Doom/Death Metal, sendo que identifico algumas influências de Desire e de My Dying Bride. Outros mais entendidos chamar-lhe-ão Funeral Doom, mas isso não é o mais relevante.

O álbum tem cinco temas, cujos meus preferidos são “Rebirth in Despair” e “Asylum for the Unmoored”, em que este último conta também com o reforço de vocais femininos na sua parte terminal.

Em relação a “Rebirth in Despair” não há muito a dizer, somente constatar que nem parece um álbum de estreia, tamanha é a maturidade musical demonstrada, que o álbum roça a perfeição e que tem uma produção extremamente bem conseguida. Tudo muito bem feito, sem complexidades técnicas supérfluas, voz gutural emanando desespero, músicas lentas, guitarras esmagadoramente pesadas e teclados bem concebidos para criar a atmosfera.

Tanto quanto consegui apurar, nesta fase o álbum apenas se encontra disponível em suporte digital e, face à qualidade explanada no registo de estreia, dificilmente as editoras deixarão de apostar em Atone (A.A.)

Galvão “*Abismo de Almas Enfermas*” Edição de Autor

“Abismo de Almas Enfermas” é o novo trabalho do descomprometido projecto eborense, agora como dupla, que desencanta aqui a sua mais crua abordagem ao black metal, com o mesmo à-vontade com que tratava outras vertentes em registos anteriores. É bem mais orientado pela cena norueguesa e até pelos maiores actos desse tipo que cá temos do que os seus antecessores, que lá pediam algum outro prefixo ou sufixo.

“Abismo de Almas Enfermas” também aparenta uma uniformidade dentro desse black metal mais puro, à primeira. Meramente ilusória, já que Pedro Pires ainda não resiste a trocar sempre algumas voltas. Quer seja nas atmosferas, nas velocidades, nalguns temas menos usuais das letras – e, para isso, conta com Sérgio Ramos que emprestou a gélida e sangrenta voz



– e nalguns pormenores como um riff mais chuggy à maneira, que aparece em “Carrasco”. Um projecto promissor e que merece passar menos discreto na cena. Umas almas enfermas que até nos fazem bem à saúde. (C.M)

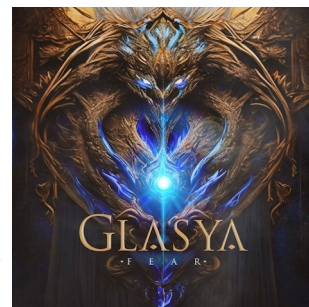
Glasya “*Fear*” Scarlet Records

Para quem conhece o peso da ansiedade, “Fear” não é um álbum; é um espelho. Glasya deu uma banda sonora à nossa batalha silenciosa, transformando a nossa luta interna numa saga de metal épica e brutalmente honesta.

O início do álbum é o som da nossa paralisia. A fuga desesperada em “Hunt Of The Haunted”, a teia que nos prende em “Stuck In A Cobweb” não é fantasia, é a descrição da nossa realidade. É o pânico, a dissociação, a sensação de sermos caçados por nós mesmos. Poderíamos analisar cada convidado especial, mas basta dizer que cada um deles não é um mero nome; são a personificação perfeita de cada sentimento, de cada fase desta jornada.

Mas o álbum não nos deixa na escuridão. “Glimpse of Memory” é a âncora, a memória de um sorriso que nos dá um propósito para lutar. A jornada através da culpa e da tristeza é a nossa terapia musicada, culminando na revelação de que o monstro era a nossa própria dor. A cura não é matar o monstro, mas abraçá-lo.

Veredicto: “Fear” é validação. É a prova de que não estamos sozinhos. É um álbum que nos vê, que nos entende e que, no final, nos oferece a paz. E ao fazê-lo em português com “No Teu Abrigo”, dá-nos o conforto da nossa língua, o abraço final de quem finalmente chegou a casa. É um disco essencial para qualquer um que já tenha travado esta guerra. (A:R)



Dolmen Gate “*Echoes of Ancient Tales*” No Remorse Records

A primeira faixa, “Souls to Sea”, relembra-me os Ignea em termos do timbre da voz de Ana; os solos de Kiko e Artur são muito bem executados e complementam bem as

transições entre as secções deste tema, lembrando os Trivium. É um excelente tema de abertura, ao qual se segue “The Maze”, que começa como um tema de NWOBHM que remete para Testament, com as guitarras e bateria frenéticas e a voz de Ana a flutuar acima do caos controlado da música; quando os solos de guitarra entram na fase final do tema, antes do último refrão, ficamos com mais um exemplo de como os arranjos destes temas são bem pensados, o que contribui para a coesão do álbum. Entre temas mais negros como “Rising Whispers” e “A Tale of Time’s



End", mais calmos ("The Prophecy") e um breve instrumental acústico remanescente da música tradicional portuguesa que nos prepara para "We are the Storm" que encerra o disco, os Dolmen Gate conseguem criar um bom e coeso álbum de música épica e pesada. (R.A)

The Bateleurs "A Light in the Darkness"

Discos Macarras Records

É já o segundo disco deste colectivo e continuam a ser celebrados outros tempos. Sendo uma proposta mais recente, até parece que esperaram propositadamente que aquela moda passasse para não terem que levar com a saturação dos excessos como obstáculo. Mas isso já é algo com muito planeamento para algo que soa tão natural como este "A Light in the Darkness". Soa assim apenas porque o hard rock bem regado de blues soava maravilhoso na década de setenta e assim continua a soar hoje em dia quando é assim bem feito. Capazes de carregar na psicadelia e no peso de raiz, terão os The Black Wizards como próxima referência nacional, e os Blues Pills como boa base comparativa internacional. Mas é limitado. É notável o tratamento a coisas que podiam ter sido dos Led Zeppelin ou dos mais evidentes Jefferson Airplane. Um protometal que tem mesmo que dar muito que falar daqui para a frente, e que comece já com este registo. Ah, e o vozeirão que a Sandrine tem! (C.M)



Monstru "Aos que não acordaram"

Edição de Autor

Isto não é música. É terra na boca. É o som do osso a partir sob o peso da indiferença. O EP "Aos Que Não Acordaram" dos Monstru é um ritual de Sludge/Death Metal que nos arrasta pela lama da realidade, um grito primordial cuspid num português sujo e sem remorsos. A cerimónia começa com "Só Acordarei Se Me For Permitido Sonhar". O riff é um monstro lento, arrastado, o som do próprio desespero a caminhar pelas ruas. A voz não canta, vomita a verdade do "invisível", do marginalizado. É uma crónica da desumanização, onde a única visibilidade se alcança na morte. É uma faixa que nos sufoca com o seu peso, que nos deixa com o sabor amargo do papelão molhado e da dignidade perdida. De seguida, o caos. "Jaulas Invisíveis" é a explosão de fúria contida. O ritmo acelera para um Death Metal punitivo, uma investida contra a apatia, contra as mentes estagnadas que se fecham nas suas próprias prisões de conforto. É um dedo apontado directamente à nossa cara, acusando-nos de apodrecer por dentro, de



nos atirmos de pés ao remoinho da ignorância. Mas é em "Dioltas" que o EP transcende. O som torna-se um cântico xamânico, uma invocação à noite e aos espíritos antigos. Esta não é uma canção é um feitiço de sangue. É o hino de todos os pagãos, de todos os hereges, de todos os que carregam nas veias o fogo dos que a história não conseguiu queimar. A frase "Somos descendentes dos que faltaram queimar" não é uma letra; é um juramento. É a vingança a respirar, a promessa de que a velha fé nunca morreu, apenas aguardava nas sombras. É o som do nosso orgulho selvagem.

Veredicto: "Aos Que Não Acordaram" é um EP visceral, nojento e absolutamente necessário. É a banda sonora da revolta contra um mundo que nos quer invisíveis, aprisionados ou esquecidos. Monstru criou um monólito de peso e verdade, uma arma forjada para os que se recusam a dormir. (A:R)

Orthodoxyn "Orthodoxyn II" Edição de Autor

"Orthodoxyn II" não é um álbum; é um ritual de aniquilação. Uma missa negra em quatro atos que nos arrasta para o coração de um abismo sonoro, onde a única linguagem é a da própria escuridão.

A cerimónia começa com "I - The Sanctum Defiled", que nos aprisiona numa cadência em espiral. É um mantra profano que nos suga para o seu vórtice, apenas para nos cuspir com acelerações brutais que nos atiram de volta ao transe, cada vez mais fundo. A espiral quebra-se e somos mergulhados em "II - The Flesh Unbecoming", um lamento de Black/Doom melancólico. O ritmo é o de uma marcha fúnebre, mas é interrompido por espasmos de fúria, os últimos gritos de um espírito que se recusa a morrer em silêncio. E então, o caos pára. "III - Undercurrents" rasga o véu de distorção com uma passagem acústica de uma beleza arrepiante e traiçoeira. Não é um refúgio; é a calma na superfície do abismo, um isco que torna a explosão de violência que se segue ainda mais selvagem. A jornada termina com "IV - Broken Wings", o espelho de todo o percurso. Um caminho lento que acelera numa última e desesperada fúria, apenas para culminar no regresso daquele toque acústico. É a aceitação final. A paz encontrada na devastação total. Veredicto: "Orthodoxyn II" é uma obra-prima de atmosfera e terror psicológico. É um monólito de Black Metal que não precisa de muitas palavras para contar a sua história de perdição. Orthodoxyn não criou um álbum; eles abriram um portal. E nós, voluntariamente, atiramo-nos para dentro. (A:R)



Cria o teu flyer / rodapé
e publicita
tua actividade ou projecto

**** usa este tamanho como modelo ****

Se existir cá algum trono, possivelmente feito de tripas, ossadas e carne em decomposição, que destaque os maiores do death/grind nas nossas terras, então os Grog já têm lá o seu lugar.

Sempre a editar ao seu ritmo, “Sphere of Atrocities” é o novo disco que nos faz questionar onde estes veteranos ainda conseguem a energia para uma descarga destas. O notável e carismático Pedro Pedra ajuda-nos a entender.



Finalmente, um novo disco e um tremendo disco! Nunca abandonam os palcos, nem dispensam algum split ou outro tipo de lançamento mas, mais uma vez, tivemos uma longa espera entre álbuns longa-duração. É intencional esse método de lançamentos mais espaçados?

Boas, desde já o nosso agradecimento pelo vosso apoio e pela oportunidade de nos darmos a conhecer um pouco mais. Não há uma intenção racional em termos do planeamento das nossas edições, tudo acontece de acordo com a nossa vontade e disponibilidade. Na grande maioria delas, deixamos fluir pois estamos conscientes da nossa capacidade de resposta. Por outro lado também temos a certeza de que, entre os dois últimos álbuns de originais, musicalmente atingimos um máximo de criatividade produtiva. Cada objetivo é abordado de acordo com o seu propósito, às vezes sai-nos mais rápido, outras mais lento, o que acaba por ser o mais natural pois fazer uma versão de uma música é totalmente diferente do que compor material novo.

Quais são as principais diferenças que podem apontar entre o “Sphere of Atrocities” e o “Ablutionary Rituals”?

O “Ablutionary Rituals” é um disco muito bruto e cru, talvez seja o nosso trabalho mais extremo, enquanto o “Sphere of Atrocities” apresenta-se como um registo muito mais dinâmico e orgânico, talvez acabe por ser o registo mais intenso pelos motivos apresentados.

Podem não nos apresentar daquele gore mais imediato, mas não deixam a violência de lado. Quais são os temas que o disco aborda e do que falam as letras? Existe algum conceito?

Os Grog sempre tiveram o objetivo de fazerem música extrema e, nessa perspectiva, o aspecto carnal e visceral da dualidade do ser humano tem sido o mote das nossas letras. O “Sphere of Atrocities” não é um disco conceptual, mas acaba por caracterizar esta natureza humana de forma muito clara, há temas que abordam o lado sombra e outras o lado luz da nossa essência. Entre a desarmonia do mundano e do misticismo consegue-se assim dar continuidade à harmonia da nossa esfera de atrocidades na qual o nosso Ser demonstra ser capaz de fazer o que há de mais atroz e o que há de mais brilhante.

Mesmo sendo já tão experientes, ainda encontram algumas dificuldades ou pressões na preparação de um novo álbum?

Ainda que saibamos o caminho que queremos fazer, tentamos ser os mais exigentes aquando da nossa composição e por aí o desafio é sempre muito elevado. Fazer diferente sem comprometer as nossas origens

sónicas requer um espírito muito analítico, tentamos inovar ao mesmo tempo que queremos adicionar os elementos que nos caracterizam e isso não é de todo fácil. Ademais, nós não vivemos da música, muitas vezes, por ordem das nossas prioridades de vida, a música vem em último lugar. Isto é a realidade de uma banda que gosta daquilo que faz. Convém, também, dizer que viemos de um período da história humana em que fomos muito limitados, globalmente falando, pelo que também fomos afectados por este facto.



Com mais de três décadas de percurso, estavam lá na génese do death/grind, que entretanto já avançou e mudou. Acompanharam sempre a evolução do deathgrind? O que acham da cena actual e das múltiplas formas que já tomou?

Acredito que já acompanhámos muito mais a evolução musical, seja ela de que estilo for. Faz muito tempo que, de forma natural, nos afastamos de querer soar ou nos fazer parecer com seja quem for. Actualmente, e falo da minha visão, transversalmente, observo uma cena muito plástica, muito mais assente na imagem do que no conteúdo musical e menos rica em surpresas. Não quero dizer com isto que não haja quem faça boa música com base nos cânones da velha guarda, mas não encontro muitos exemplos que me façam mudar de opinião.



No próximo ano, o lendário “Macabre Requiems” completará trinta anos. Algum plano para o celebrar?

A sério?! Confesso que não estava a contar o tempo... Assim de repente, não há planos, até porque este disco já foi alvo de algumas reedições logo tornou-se mais acessível a mais gente. Teremos de analisar mais alguma oportunidade, desde que seja viável.

Estando no topo da cadeia do nosso panorama extremo, ainda sentem que têm algo a conquistar ou algo a provar? Quando começaram, imaginavam que chegariam a este ponto e ainda estariam a editar discos, mais de três décadas depois?

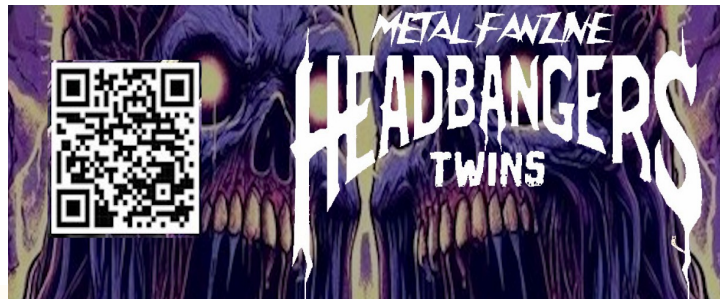
Provar só se for a nós próprios uma vez que somos os primeiros consumidores do que fazemos, e também os mais críticos relativamente a isso. Conquistar também não é um objectivo que nos crie ansiedade porque sabemos o valor da música que criamos.

Mais uma vez, ninguém poderia imaginar estarmos aqui hoje, mas também sabemos que a vida é feita de ciclos e o que começa também acaba. Estamos muito agradecidos relativamente ao que a música nos proporcionou até à data, disso também não temos dúvidas.

Agora para o Pedra, sempre cheio de conhecimento: que bandas mais desconhecidas, que ainda possam estar a escapar aos nossos radares, dá para recomendar?

Recomendo os últimos discos dos Caustic Wound, Gigan, Insineratehymn e dos Mitochondrion, por exemplo.

Texto : Christopher Monteiro



Diário PT Metal

a/c Christopher Monteiro
Email: diarioptmetal@gmail.com
Facebook/DiarioPtMetal

Periodicidade : Mensal

Equipa de Redacção :

Christopher Monteiro ; André Rosado , Raúl Avelar
Alexandre Almeida, Mário Lino Faria , Ruben Silvestre
Duarte Fernandes, Luis M. T. Sousa

Os **Glasya** estão de volta. Três anos após o sucesso do concetual «Attarghan», regressaram a 24 de Outubro com «Fear», lançado pela editora italiana Scarlet Records. Em preparação adiantaram 3 singles de apresentação ao álbum. O primeiro foi "Fear", tema-título com a participação especial de Fernando Ribeiro, dos MOONSPELL.

Segui-se "Glimpse Of Memory", tema com uma colaboração especial de Michele Guaitoli, vocalista dos VISIONS OF ATLANTIS, que juntou a sua voz à da cantora nacional Helena Cruz, num dueto forte. Por último, o terceiro single "Hunt Of The Haunted".

Importante também será frisar um feito significativo: pela primeira vez, os Glasya veem lançado o seu trabalho em vinil. Este formato continua a ser um objeto de culto para colecionadores e estará disponível através da Alma Mater Records.

Foi em Abril de 2024 que vimos o lançamento de "Desencanto", a estreia para **Paula Teles**, mas num formato digital.

Agora, finalmente, seremos contemplados com uma edição em formato físico, mas de edição limitada. Esta versão traz um bónus, o tema destaque "Jogo do Silêncio", com a participação de Björn Strid, sendo esta versão a gravação ao vivo nos RedBoxStudios.

Fiquem atentos ao mês de Novembro e a este lançamento da Ethereal Sound Works.

Algo novo e surpreendente é o surgimento do coletivo **Ateno**. Esta nova banda é formada por ex-membros de Desire e Mourning Lenore e acabam de lançar o seu trabalho de estreia.

Foi em finais de Setembro que saiu "Rebirth in Despair", um álbum digital disponível nas plataformas do costume.

As coisas deviam andar muito claras já que, como uma necessidade, os **Irae** anunciam o seu regresso aos discos. Aquela que será uma das maiores instituições do black metal nacional já tem pronto o sucessor do aplaudido "Assim na Terra como no Inferno" e com data marcada. Chamar-se-á "In the Key of Twilight", tem data marcada para 21 de Novembro e já conta com "There Will Be Wrath" como single de antevisão. Desengane-se quem espera algo simples: este álbum conceptual, como confessa o próprio Vulturius, será a obra mais ambiciosa de toda a sua desafiante carreira de mais de duas décadas.

"L(i)mbo" é o título do sexto álbum de originais dos **Booby Trap**, com ilustração mais uma vez pela mão do incontornável Devis Tavares e produzido por Paulo Vieira. Este disco conta com 11 novos temas e uma cover cantados totalmente em português com edição em CD e LP pela Firecum Records em Dezembro. Fiquem atentos às novidades nos próximos tempos, já que ficou a promessa de coisas novas para os nossos ouvidos muito em breve.

De regresso aos discos temos os **Disaffected**, que depois de uma longa pausa voltam com o quarto álbum de estúdio, intitulado "Spiritual Humanized Technology", e tem data de lançamento para Novembro, pela Larvae Records e pela Firecum Records.

Este quarto álbum estará disponível em 3 formatos físicos: CD, LP "Black" e LP "Galaxy Green".

Para dar início à campanha promocional do novo álbum, o primeiro single da música "Spiritual Humanized Technology" já se encontra disponível nas plataformas digitais.

Confirmou-se que não há como parar o galopante crescimento e internacionalização dos **Gaerea**, com o single "Submerged", que nos aqueceu ainda mais o passado mês de Agosto. Para dar seguimento à sua evolução estilística e agigantamento com o anúncio da assinatura com a Century Media, tivemos recentemente informações mais completas sobre o que esperar desta entidade misteriosa e teatral. O single "Hellbound" trouxe mais uma malha e informação pertinente anexada: o próximo disco chamar-se-á "Loss" e estará pronto para nos assombrar no dia 20 de Março do próximo ano. De lembrar, por muito incrível que possa parecer, mas é onde as coisas já chegaram, que a tour de promoção ao novo disco... Passa pelo nosso país, nos dias 4 e 5 de Dezembro!

Foi no ano passado que ficámos a conhecer **Monstru** e a sua estreia com "Demum", demo lançada em Março. Este coletivo de Santarém acaba de voltar à ribalta com um novo trabalho, em formato EP, intitulado "Aos que não acordaram" e está disponível nas plataformas virtuais. Afirmam ter um som que percorre os territórios do doom/sludge/death metal, combinando peso, intensidade e atmosferas densas. Podem conhecê-los no Bandcamp (monstru.bandcamp.com).

Os **Azzaya** lançarão o EP "Infernal Blasphemia" a 29 de novembro de 2025 pela Maledict Records (CD) e War Prod (Cassete), além de distribuição digital.

Os Azzaya são um coletivo empenhado em disseminar a mais vil propaganda do black/death metal. Após o lançamento do seu segundo álbum, "I Begin", e uma extensa investida nos palcos portugueses, os Azzaya regressam agora com um EP intitulado "Infernal Blasphemia", um novo marco na evolução sonora da banda. Expandindo a sua abordagem agressiva e incorporando novos elementos, "Infernal Blasphemia" é uma dose contundente de black/death metal para os fãs de Marduk, Gorgoroth e Belphegor.

Este EP é também uma celebração do underground e dos laços criados na estrada, com cinco convidados em sete faixas, cada um emprestando uma voz distinta que confere a cada faixa a sua própria identidade.

"Infernal Blasphemia" promete e entrega uma mistura de pura brutalidade e misticismo intransigente, um verdadeiro ataque sonoro satânico.



Inner Blast
Power Stage Fest - Girl Edition 2024
@FotosRuben



Sacred Sin
Xapada Fest 2025
@FotosRuben



Vomitous Iniquity
Xapada Fest 2025
@FotosRuben



AnzV
Under The Doom Festival 2024
@FotosRuben